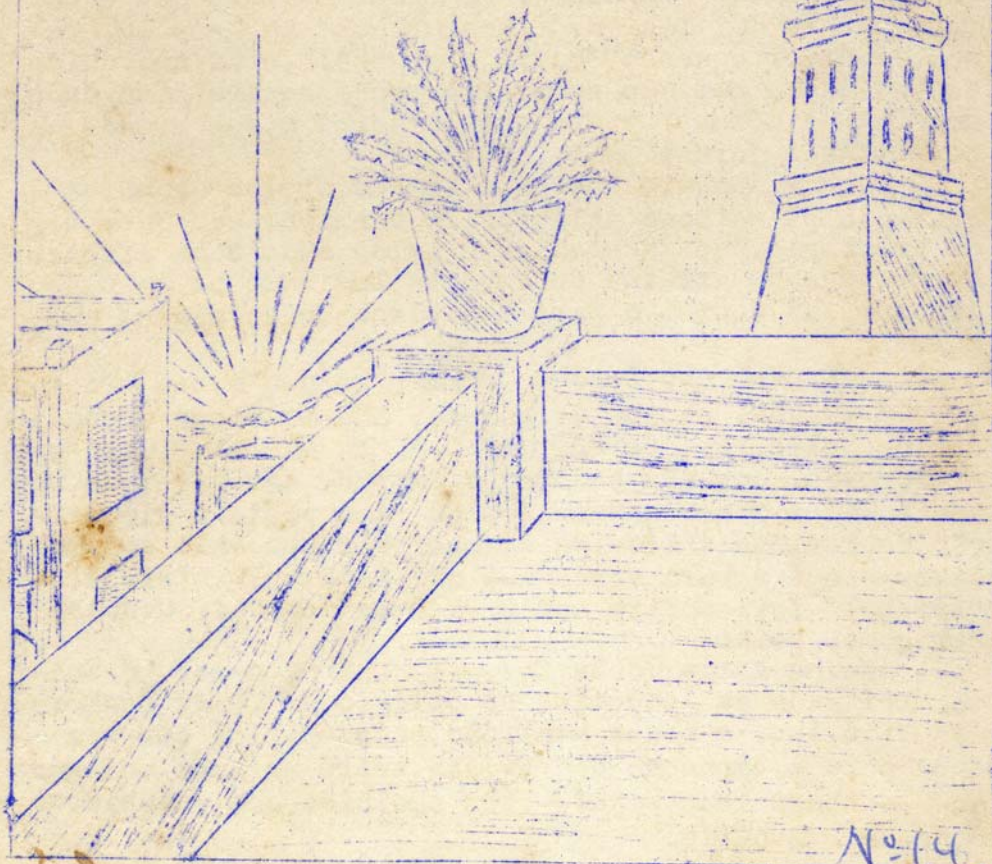


ARREBOL



Nº 14

Editorial

Devido às muitas canseiras que nos dá a revista, ainda não cumprimos um dever que nos pesa extraordinariamente sobre os ombros nem exprimimos um sentimento que nos emociona as mais recônditas fibras do coração — o dever e o sentimento da gratidão.

Antes de mais queremos e devemos agradecer ao Senhor Dr. Higino do Vale Carvalheira o carinho e o sacrifício com que nos ensinou a manipular as folhas de cera, os estiletes de ilustração e a Gestetner com que imprimimos "ARREBOL". Ao mesmo Senhor, que é correspondente do "Diário de Moçambique" em Nampula, temos de dizer o nosso "muito obrigado!" pela assídua e cativante com que sempre, e bondosamente, tem dado notícia da nossa revista aos leitores desse grande e conceituado jornal.

O Senhor Joaquim Coelho é também credor da nossa gratidão pelas boas palavras de animação com que, desde princípio, nos acalentou e pelos seus bons ofícios na propaganda externa da revista bem como pelo auxílio que foi decisivo para a publicação de alguns números.

Nos de casa não é nossa obrigação falar, porque o seu esforço e dedicação, cheios de beleza, não-de ficar escondidos nos alicerces de "Arrebol", para que viva, cresça e floresça. Mas não podemos deixar de agradecer ao Fernando Gil a generosidade com que tem posto à disposição da revista a máquina de escrever pessoal: podemos dizer — e é a pura verdade — que toda a 3ª série de "Arrebol" foi escrita com a "Hermes" do Gil. O nosso obrigado, pois.

A menina Maria Odete Correia Mendes, desde há muito, Delegada da Académica no Colégio de Nossa Senhora das Vitórias, a nossa gratidão pelos passos que tem dado para a expansão da revista entre as suas colegas que — honra lhes seja! — têm acolhido com entusiasmo o nosso semanário.

Enfim— e para não excluirmos nenhum dos nossos amigos—, agradecemos a todos, absolutamente a todos, as mínimas parcelas de que nos têm feito!

R.

A_V_I_S_O

Previnam-se os leitores e entusiastas de "Arrebol" de que a reserva dos primeiros números que tínhamos ao dispor de novos assinantes está prestes a extinguir-se e de que não faremos reimpressão dos mesmos, uma vez que é escassíssimo o tempo de que dispomos.

Querendo adquirir esses números venham com tempo

A SEMANA———"TAÇA FINALISTAS"

No 2º tempo, os Quintanistas assentaram jogo. E, com a entrada de Brogueira, o grupo subiu nitidamente. No entanto, foi ainda o misto que obteve o 2º golo, por intermédio de Silva.

O 5º ano não desanimou. uma avançada da sua equipe, Alexandre marcou o único golo do seu grupo.

Quase no fim do encontro, houve uma jogada muito confusa junto da baliza de Águas. Os Quintanistas reclamaram golo, mas o árbitro, mal colocado, não assinalou. Estabeleceu-se discussão e Pinto, aproveitando a distração dos seus adversários, correu iselado para a baliza, não tendo dificuldade em bater Cárquinas.

O desafio terminou pouco depois com o resultado final de 3-1, a favor do misto.

Sob o signo do terror

Reportagem em exclusivo para "ARREBOL".

Anoitecia. Casablanca, outrora, com uma vida tão intensa, tinha agora as ruas desertas. As montras iluminadas dos estabelecimentos não tinham admiradores, e os cinemas, teatros e cabarés estavam vazios.

Nos bulevares só raramente passava um carro ou transeuntes nervosos e apressados, dirigindo-se para o porto. As ruas eram patrulhadas constantemente pela polícia.

Assim se encontrava a famosa cidade norte-africana em virtude do terrorismo exercido pelos nacionalistas marroquinos que exigiam a retirada dos franceses.

Entri na esplanada Copacabana, cujo proprietário é português, natural de Setúbal. Falei-lhe em português e disse-lhe as últimas novidades da pátria saudosa.— Quando aqui cheguei—dizia o nosso Epaminondas—isto era quase deserto. Já vê o progresso que o território sofreu. Casablanca tem, actualmente, 200.00 Europeus que não estão dispostos a abandoná-la, se os franceses largarem o protetorado. Quanto ao negócio, já lá vai o tempo em que se fazia; hoje, metem-se todos em casa, não vão apanhar um tiraço pelas costas. Vou é vender tudo e volto para a terra.

Nisto, entram dois muçulmanos, a quem Epaminondas vai atender.

Sorrateira e traiçoeiramente iam para lhe cravar um punhal nas costas, mas foi desviado por mim, embora julgassem que eu estava distraído. Epaminondas pega numa cadeira e atira-a aos terroristas que fogem com medo da polícia, já posta de sobreaviso com o alarme dado por nós.

Depois desta experiência, fiquei a ver bem a gravidade da situação e vesti-me de árabe para poder ver o bairro indígena ou Medina que contrasta violentamente

com a cidade europeia. É cheio de ruas estreitas e mesquitas.

Ti tive de me fazer surdo-mudo por não saber falar árabe e ser perigoso falar francês. Parece impossível mas encontrei no mercado a vender cocos um dos bandidos que tentaram assassinar Epaminondas. Era franzino e esguio, o que me fez reconhecê-lo imediatamente. Este mercador infame, acocorado, vendia os seus cocos, com aquela habilidade tão peculiar dos orientais, todo sorriso e vénias para com os clientes europeus, insistindo e multiplicando-se em amabilidades.

Depois de ele sair do mercado, segui-o com curiosidade. Dirigiu-se para o porto, onde tomou parte no descarregamento clandestino de armas que vinham em caixotes com rótulos muito inocentes. Estas armas, de fabrico russo, vinham em navios suecos que não sabiam o que transportavam. Mohamade João el Mustafá, assim se chamava o velho mercador de cocos, segundo vim a saber depois, pertencia a uma vasta quadrilha, que estendia as suas actividades terroristas através de Marrocos, A Argélia, e Tunisia. As autoridades tinham já por várias vezes apanhado quadrilhas semelhantes. Abandonei o esconderijo e, com muito risco, sai da zona portuária àquela hora escura e pouco movimentada. Dirigi-me à polícia, onde contei o que vira. Esta dirigiu-se para o local, onde apanhou ainda alguns dos contrabandistas pois outros já se tinham escapado.

Mohamade João el Mustafá, o mercador de cocos, já tinha sido apanhado antes, mas fugira, e a polícia resolveu, desta vez, mandá-lo para o interior, onde participaria na construção de barragens no deserto, como trabalhador forçado.

Dirigi-me para o Hotel Anfa, onde me encontro hospedado afim de enviar as primeiras reportagens para O Arrebol de Nampula, deixando atrás de mim a cidade baixa com os seus arranha-céus e reclames luminosos. Parecia-me que aquilo tudo junto era demais para mim, em tão pouco tempo. Esta cidade maravilhosa, tão activa durante o dia com o seu enorme porto e as suas fábricas, à noite transforma-se numa cidade de medo e aterrorizada.

A FELICIDADE VOLTOU.

Maria Leonor achava estranha a demora de seu marido, e mostrava-se já inquieta. A lançar-lhe maior inquietação no espírito, o relógio da sala de jantar deu as badaladas das sete horas.

—Tão tarde já e Rogério não aparece!

Aproximou-se da janela e levantando a cortina espreitou para a rua que, àquela hora, se encontrava quase deserta.

Rogério ainda não vinha.

Onde estaria ele? Que demora seria aquela?

Lentamente, os minutos foram-se passando e Maria Leonor estava cada vez mais inquieta. Na sua mente, ba ralhavam-se os mais desconcertados pensamentos.

Uma, duas, três...oito badaladas. Maria Leonor deixou a janela e dirigiu-se para o quarto. O seu menino há muito que já dormia, na pequena cama, com um urso de feltro nos braços. Silenciosamente, aproximou-se e tirou-lhe o brinquedo e, ajeitando-lhe a manta, beijou-o.

Estava na sala, quando sentiu passos. Levantou-se e esperou. A porta abriu-se e Rogério entrou. Secamente, deu as boas-noites.

—Tão tarde, Rogério! Houve alguma coisa?

—Nada que te dê cuidados!

—Então; porque chegas só agora?

—Olha, encontrei uns velhos amigos e estive com eles. Pronto! E agora não me maces mais.

Jantaram em silêncio.

No serão, Rogério pouco falou. Maria Leonor olhava para ele e via-o sempre de testa enrugada.

—Que terahavido?—perguntava ela a si mesma.

Assim se passou uma semana, e Rogério vinha sempre tarde para casa. As perguntas que sua mulher lhe fa-

zia, não dava resposta e mostrava-se sempre aborrecido, até que, um dia, ela decidiu ir ver o que havia.

Uma tarde, quase às 5 horas, Maria Leonor saiu de casa e dirigiu-se para onde o marido trabalhava. Veiu-se numa loja e, quando o viu sair, seguiu-o, confundida com a multidão que saía dos seus empregos. Por fim, viu que Rogério entrava para uma casa de aspecto luxuoso. Aproximou-se. Era um casino. Espreitando, viu o marido sentado numa mesa, a jogar.

Compreendeu tudo. Rogério vinha para ali jogar e, certamente, perdia muito dinheiro. Desnortçada, seguiu para casa, mergulhada nos mais negros pensamentos.

Onde outrora reinava a paz e a felicidade, imperava agora a discórdia e a tristeza. Rogério vinha para casa a altas horas da noite. Andava desvairado pela paixão do jogo.

Não podendo suportar aquela vida, Maria Leonor fôï falar com o director da companhia onde seu marido trabalhava e, debulhada em lágrimas, contou-lhe a vida que Rogério levava agora.

Aquele homem bondoso ouviu-a atenciosamente.

--Esteja descansada que eu hei-de chamar o seu marido e falar com ele.

Quando Maria Leonor saiu, levava no coração um pouco mais de esperança.

Os dias foram-se passando e Maria Leonor via que seu marido já não vinha tão tarde para casa e que o director o vinha trazer de carro.

Pela boca de Rogério, soube que ele o tinha chamado e tinham tido uma longa conversa. Não o deixava sair à hora habitual e tinha-o no seu gabinete a trabalhar.

Deste modo, Rogério, a pouco e pouco, foi perdendo o vício pelo jogo. Compreendia, agora, o mal que tinha feito. Com o jogo, cavava a sua ruína e a de sua mulher e filho. Como tinha sido louco!

Noite de Natal! Na pequenina sala de estar, Maria

Leonor e Rogério arranjam uma árvorezinha de NATAL com brinquedos e luzes. Seu filho batia as palmas, de contente, e eles riam-se, ao ver aquela manifestação de alegria.

De novo a paz e a felicidade reinavam naquele lar!

ANTÔNIO COTTINO
(5º ANO)

O NOSSO CONCURSO

(Cont. da pág. 12)

aos demais que acatem benèvolamente a sentença do Júri que foi dada com a máxima independência.

"ARREBOL" considera-se também de parabens e espera que, em futuros concursos, merecerá iguais, ou até maiores, atenções, dado que soube premiar generosamente o valor dos concorrentes.

A REDACÇÃO

A SEMANA—"TACA FINALISTAS"

No dia 10, f. a desforra.

Os Quintanistas cedo começaram a dominar os seus adversários, só não tendo na avançada, quem concluísse com êxito as jogadas.

O resultado estava em 2-2, quando se resolveu suspender o encontro, dados os erros que o Árbitro, Espírito Santo, vinha acumulando.

R. ALEXANDRE
(5º ANO)

AVISO

Este número de "ARREBOL" sai um pouco diminuído, no número de páginas, devido aos dois feriados desta semana (parece paradoxal, mas é verdade: os feriados roubam-nos tempo útil...)

A Semana

UM INSTANTÂNEO DA VIDA

1 Manuel era pobre. De dia trabalhava, extremamente, e, de noite, servia à mesa de um dos maiores restaurantes da cidade, para criar os filhos, fracos, e, muitas vezes, doentes.

Certo dia, chegou a casa mais alegre do que de costume. O gerente da casa onde estava tinha-lhe aumentado o ordenado e arranjara-lhe emprego num restaurante, que lhe dava mais dinheiro do que o outro.

Tinha três empregos, mas ainda vivia com dificuldades financeiras. O filho mais velho era muito doente e as suas doenças eram grandes ralações para os pais. Era raro o ano em que eles gastavam menos de 5.000\$00 em médicos e remédios.

O pobre homem esteve muito tempo empregado nas mesmas casas, até que alguém lhe propôs juntarem-se para ambos formarem uma casa de modas.

Juntaram-se, mas, depois de alguns anos, um desentendimento separou os dois bons amigos.

Manuel, que tinha parentes em África, recorreu a eles. Ao fim de pouco tempo, embarcou deixando a mulher e os filhos.

A mulher trabalhou muito durante o tempo que esteve separada do marido. Não lhe foi, porém, possível juntar dinheiro. Passados poucos meses, embarcou para junto do marido.

Quando chegou, encontrou-o não muito rico, mas feliz e vive feliz com ele. Mas, como os felizes não têm história, findo aqui a minha narrativa colhida da própria boca da mulher de Manuel que viajou comigo no mesmo barco.

(Carlos Alberto Vieira)

(3º ANO)

TAÇA FINALISTAS

2 Na 4ª feira, pelas 16 horas, realizou-se no campo de futebol do Regimento um encontro entre as equipas do 5º ano e do misto do Colégio.

O 5º ano alinhou:

— Orlando; Bais, Teófilo e Braúlio; Quartin, Políbio e Cancela.

Misto:

— Águas; Óscar, Zito e Alfaiate; Rui, Russo e Jacinto.

O jogo foi dirigido por Santana (3º ano)

A 1ª parte decorreu com grande entusiasmo das duas equipas, apesar do 1-0 a favor dos mistos.

Na 2ª parte, Braúlio dá lugar a Teófilo e Políbio a Lelo.

Alguns erros de arbitragem levaram o jogo a interromper-se por várias vezes.

E, assim, amigavelmente, saíram vencedores os mistos por 3-1.

Os marcadores do encontro foram: Russo (1ª parte), Zito, Quartin e Rui (2ª parte).

No próximo Sábado realizar-se-à a desforra.

R; Ferreira

(4º ano)

No passado dia 8, realizou-se no campo do Regimento o sensacional encontro de futebol entre as equipas dos Quintanistas e o resto dos alunos do Colégio.

Sob a arbitragem de Leonel Nunes, os grupos alinharam:

Quinto: Cárдинas; Gomes e Silva I; Pereira; Malheiros, Alexandre e Silva II.

Reste: Águas Silva e Gonçalves; Amândio; Ribeiro, Pinto e Marcos.

Nos quintanistas, Brogueira substituiu Silva II.

O misto, com melhores passagens, revelou certa superioridade na primeira parte. A coroar essa supremacia Marcos obteve o 1º golo para o seu grupo. (cont. pág. 3)

96 mosso CONCURSO

De várias proveniências, embora, como é natural, as principais sejam o Colégio de Nossa Senhora das Vitórias e o Colégio-Liceu Vasco da Gama, ácorreram ao nosso interessante concurso sessenta e um concorrentes. Uns com maior felicidade, outros com menor, alguns com bastante poesia e outros com a cor baça da prosa, todos demonstraram ter lido com atenção o conto do nosso amigo João.

Para autenticarmos o que afirmamos, publicamos a lista de todos os títulos, dispensando-nos, da publicação do nome dos Autores, por via do apertado espaço de que dispomos para esta notícia. São os seguintes:

-1. Revira a volta-2. Encontro feliz-3. O fidalgo maravilhoso-4. Quando o destino bate à porta-5. Um João ninguém-6. O patego foi à cidade-7. Encontro com a civilização-8. O fidalgo generoso-9. Felicidade inesperada-10. Quando a felicidade bateu à porta-11. A estrela da felicidade-12. O encontro do penedo-13. O fidalgo e o zagal-14. A felicidade veio ao seu encontro-15. Da parvónia ao Porto em cavalo-16. O portador da felicidade-17. Atordoamento maravilhoso-18. A história tão bonita de um pastor, que um fidalgo amigo fez doutor-19. ...-20. O caminho da felicidade-21. Do rebanho à felicidade-22. A felicidade surgiu no penedo-23. Zagal feliz-24. Feliz encontro-25. Um encontro feliz-26. Desde aquele encontro-27. O benfeitor-28. A caminho da felicidade-29. Um grande coração-30. Pesadelo maravilhoso-31. Das trevas para a luz-32. Dia bendito aquele-33. Nova expectativa do destino-34. Nele, encontrou tudo...-35. Tinha que ser assim...-36. Daquela encontro... nasceu a ventura-37. Deus escreve direito... por linhas tortas-38. O destino-39. Um bom herdeiro-40. Naquela momento... uma vida nova começou-41. O pequenino zagal-42. Feliz encontro-43. Inesperada felicidade-44. Viagem auspiciosa-45. Fidalguinho feito a martelo-46. O embasbacado-47. A Ignorância de um aldeão-48. Oh Patego, olha o balão-49. Igno

rância em acção-50. E tudo o vento trouxe-51. A felicidade na era atómica-52. A história de um parolo da aldeia-53. Adeus cajado-54. Para além da realidade-55. Como o mundo vai...-56. Rochedo mágico-57. Horizontes dourados-58. Luz que sorri-59. O rochedo do destino-60. Mundos novos-61. Sol nascente-62. Começou num dia de Primavera.

Para maior independência de julgamento, o júri não emitiu o seu VEREDICTUM em presença dos envelopes fechados. O nosso editor Fernando da Silva Gil, ductil e grafo, grafou quatro listas com todos os títulos. Estas listas foram distribuídas pelos quatro juizes que as estudaram particularmente, até declararem o melhor título segundo o seu modo de ver, concludendo o trabalho de cada um deles, reuniram-se os quatro e, após serem as discussões, apuraram que o melhor título era "SOL NASCENTE". Como, porém, outros títulos apareceram que com muita propriedade, poderiam encabeçar esta história, o júri resolveu premiar também os seus autores, sendo o prémio proporcional ao grau de justeza do título. E, assim, saíram mais quatro títulos premiados: ADEUS CAJADO --- LUZ QUE SORRI --- MUNDOS NOVOS --- COMEÇOU NUM DIA DE PRIMAVERA.

Restava, agora, saber quem eram os autores. E foi fácil. O primeiro título, tem, na lista, o número 61; o segundo, o número 53; o quarto, o número 60; o terceiro o número 58; o quinto o número 62-5 (a numeracão chegou a 62, porque o título número 18 tem também o número 19). Estes números correspondiam aos dos envelopes que, abertos, revelaram os nomes dos premiados:

1º Manuel Vieira Pereira, com dois volumes de Júlio Dinis, à sua escolha; 2º Ana Maria Lianez Felizardo, com os "Meus Amores" de Trindade Coelho (não esquecer que os "amores" de Trindade Coelho eram os seus "contos"; portanto, "Meus Amores" é a mesma coisa que "Os meus contos"); 3º Clementina da Conceição Luiz, com as "Pupilas"; 4º Maria Manuela Picardo, com "A Abadia de Northanger"; 5º Orlando Magalhães, com "O Leão de S. Marcos.

Restanos dar os parabens aos premiados e pedir

(Cont. na pág. 8)